

APRESENTAÇÃO

Revista da FLUP -IV Série V. 13, N.º2(2023): HISTÓRIA

Cumprindo, mais uma vez, o seu programa editorial, o Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais (DHEPI) publica o número da sua revista *História*, em acesso aberto, relativo ao segundo semestre de 2023, volume 13 da IV Série.

No mesmo mês em que decorreu a 3.^a Conferência Anual do Observatório para o Ensino da História na Europa (dezembro de 2023) e em que se discutiu, em Estrasburgo, o significado de "*Ensinar História, ensinar a paz?*", foi publicado o primeiro *Relatório Geral sobre o Estado do Ensino da História na Europa*. Neste documento quase quatro centenas de páginas são apresentadas as principais considerações que resultaram de um estudo de grande fôlego e que recorreu a instrumentos de recolha de dados diversificados. As conclusões preliminares apontam para **a**) a presença da História, como disciplina autónoma ou parte de uma área multidisciplinar, desde o ensino primário público até ao secundário, em quase todos os países membros; **b**) a interdisciplinaridade, com ligação a outras áreas do saber, tais como geografia, educação para a cidadania, arte, literatura, linguagem e educação religiosa; **c**) as preocupações dos professores em relação aos recursos didáticos, desde a abundância excessiva até à (des)adequação dos manuais ao público a que se destinam, incluindo a representação de minorias; **d**) ou a clivagem existente entre o que os professores consideram relevante (a implementação de metodologias de aprendizagem ativa e ensino baseado em competências) e o que acontece na prática, entre outras reflexões.

Foi uma coincidência feliz o **dossiê temático** deste número, da responsabilidade de Cláudia Pinto Ribeiro, Helena Vieira e Pedro Teixeira Pereira, debruçar-se sobre "**O Ensino de História: temas, debates e combates**". O objetivo foi sempre o de apresentar ao leitor um conjunto variado de artigos que, lidos no seu conjunto, oferecessem uma perspetiva diversificada sobre o ensino da História, a investigação e as experiências dentro e fora da sala de aula, de modo a produzir novos significados sobre o que podemos e devemos esperar da História enquanto disciplina escolar, mas também como área de saber que atua na esfera pública e que é constantemente chamada a "prestar contas".

Desafio lançado, responderam à chamada vários autores, o que resultou na publicação dos artigos cujo valioso contributo aqui se destaca. O seu mérito foi validado pela

leitura crítica e por sugestões de melhoria feitas pelos revisores (revisão cega de dois por artigo) e pela comissão editorial.

O artigo intitulado “Contas-me como foi? Narrativas de estudantes do Ensino Básico sobre o 25 de abril (de 1974)”, da autoria de Ana Isabel Moreira e Pedro Duarte, explora o modo como os alunos do Ensino Básico em Portugal compreendem e contam a Revolução dos Cravos de 25 de abril de 1974. Os autores analisam o impacto do ensino de história na formação da cidadania democrática e da consciência histórica, sublinhando a importância de narrativas críticas e contextualizadas para evitar visões simplistas baseadas em mitos. Os relatos dos alunos refletem a memória coletiva da Revolução de Abril, destacando a sua natureza pacífica e a conquista da liberdade e democracia, evidenciando uma compreensão emergente do passado e o seu papel na identidade coletiva.

Juan Ramon Moreno Vera, no estudo intitulado “Critical discourse analysis of democratic consciousness in Spain’s history education curriculum”, analisa a presença de consciência democrática no currículo de História da Espanha com alunos de 17/18 anos. O autor dá enfoque ao modo como a democracia é retratada, considerando conceitos como “valores democráticos”, “cidadania” e “diversidade cultural”. Na sua pesquisa, realiza uma análise qualitativa do currículo espanhol, observando o equilíbrio entre discursos progressistas e sociais-democratas, e aborda como é que temas como igualdade de género e participação cívica são integrados na educação histórica, alinhando-se com os princípios da educação recomendados pelo Conselho da Europa.

Quando Mariana Lagarto “olha” para situações do passado, histórias difíceis, incómodas ou dolorosas, pensa como é que será que, em Portugal, professores e alunos lidam com temas sensíveis como colonialismo, guerra colonial e Estado Novo. Neste sentido, no artigo “Passados dolorosos, histórias difíceis e questões socialmente vivas no ensino e aprendizagem de História em Portugal”, Mariana Lagarto propõe uma abordagem pedagógica que integre a multiperspetiva e a empatia histórica, incentivando o debate crítico e a consciência histórica intercultural. Ao enfatizar a importância da educação histórica na formação de uma sociedade mais justa e tolerante, sublinha a importância do currículo valorizar a diversidade e promover a dignidade humana e os direitos humanos.

Carlos Manique da Silva, no artigo “Impulsos reformistas republicanos: missões de estudo no estrangeiro tuteladas pelos Ministérios do Interior e da Instrução Pública (1911-1918)”, explora as políticas educativas em Portugal no início do século XX, focando-se

na atribuição de bolsas de estudo no estrangeiro pelo Ministério do Interior de Portugal, entre 1911-1912 e 1918, com particular destaque para a área da Medicina e refletindo sobre a influência dessas iniciativas na modernização do ensino e da prática médica no país. A procura de modernização promovida pela realização de estudos no estrangeiro reflete um esforço nacional em alinhar Portugal com as práticas educativas europeias, com um impacto diferenciado e limitado devido às realidades socioeconómicas do país.

A leitura e análise d' "Os manuais de História nos regimes ditatoriais ibéricos (1936-1973): políticas de controlo e conhecimento histórico a ensinar", de Nelson Araújo, permitem compreender o modo como os manuais de História deste período, em Portugal e Espanha, moldaram a narrativa histórica para reforçar o nacionalismo e o apoio ao regime. Através da análise do discurso, é possível descortinar a manipulação de conteúdo com ênfase no providencialismo, heroísmo e etnocentrismo, omitindo eventos e perspectivas que contrariavam a ideologia estatal. No seu estudo, Araújo conclui que a disciplina de História era usada como ferramenta para legitimar o poder e promover uma identidade nacional coesa alinhada com os objetivos dos ditadores.

Ainda no âmbito do dossiê temático, Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano apresentam o artigo "A Didática Reconstructivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação". Neste, os autores analisam o uso da Didática Reconstructivista da História no ensino superior, destacando a sua aplicação em cursos de graduação e de pós-graduação. A abordagem investiga o desenvolvimento do pensamento histórico crítico-genético, enfatizando a importância do sentido histórico na compreensão do conteúdo. Deste modo, o texto propõe uma metodologia que integra a teoria histórica na prática educativa, visando o desenvolvimento da consciência histórica e a construção de narrativas significativas pelos alunos.

No âmbito dos *Outros estudos*, Diana Tavares da Silva tece "Algumas considerações sobre pátria e patriotismo no triénio liberal português – o caso do Patriota Portuense (1821)". Neste artigo, a autora discute os conceitos de "pátria" e de "patriotismo", destacando a sua evolução e importância durante o liberalismo do século XIX, em Portugal. O artigo analisa a influência dos ideais iluministas e revolucionários franceses na redefinição dos conceitos, refletindo sobre o papel dos periódicos na sua propagação e reformulação semântica, principalmente através do jornal "Patriota Portuense". A autora reflete, ainda, como "pátria" e "patriotismo" se tornaram centrais na articulação política e na

formação do Estado moderno, simbolizando a luta pela liberdade e a constituição de uma nova ordem cívica e política.

O artigo “Os citrinos na agricultura portuguesa, séculos XVIII-XIX: entre o cultivo alternativo e a produção especializada”, da autoria de Leonardo Aboim Pires, explica a evolução da citricultura em Portugal, destacando o seu papel na economia agrícola, desde o século XVIII, particularmente no que se refere à importância dos citrinos no comércio e na agricultura, com enfoque na exportação para mercados europeus e americanos. O autor discute, ainda, os desafios enfrentados pela citricultura, tais como as alterações nas práticas agrícolas, o impacto de pragas e doenças na produção e a concorrência internacional, e como as inovações tecnológicas, a diversificação de culturas e as dinâmicas comerciais regionais e internacionais, permitiram a Portugal adaptar-se aos desafios do mercado global.

A finalizar a revista, dois textos sobre temas e títulos que certamente vão convencer a uma leitura mais aprofundada, como: a resenha do livro de Joana Lencart, “A Ordem do Templo e a Ordem de Cristo na obra de Pedro Álvares Seco no século XVI”, que Glauber Santos Wisniewski leu e analisou com toda a atenção e a resenha feita por Domingas Vasconcelos sobre “A sustentabilidade como princípio ético: A visão de diferentes perspetivas”, coordenada por Sara Rodrigues, Renato Natal Jorge e João Carlos Garcia.

A nossa gratidão expressa-se em palavras e é dirigida aos autores e, em particular, aos revisores científicos pela sua dedicação (muitas vezes em prazos curtos) e pelos contributos que enriqueceram os trabalhos avaliados com perspetivas teóricas e metodológicas essenciais para a sua qualidade final.

Agradecemos também à Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto pelo apoio permanente, uma colaboração que merece reconhecimento a cada nova edição. Um agradecimento final à equipa de Investigadoras, constituída por Carla Sequeira, Maria João Oliveira Silva e Sara Pinto, cujo trabalho incansável de articulação entre todos os agentes envolvidos na produção da Revista de História nunca é demais salientar.

Porto, dezembro 2023

Maria Cristina Cunha (Diretora)

Cláudia Pinto Ribeiro, Helena Vieira e Pedro Teixeira Pereira (Coordenação do dossiê temático)